

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

Milena Groetares Rosa¹

RESUMO: A alfabetização corresponde aos processos de aprendizagem da decodificação de signos e letras na leitura, sua codificação na intenção da produção escrita de palavras e de numerais, bem como à compreensão tanto da leitura de palavras e textos, quanto de conceitos lógico-matemáticos relativos aos numerais. Durante este processo, podem ocorrer diversos tipos de dificuldades, pois nem todas as crianças irão aprender no mesmo tempo e com a mesma facilidade e naturalidade. Existem dificuldades devido à falta de acesso a livros, ou de incentivo por parte dos pais e por escolarização insuficiente ou inadequada, mas existem também dificuldades de aprendizagem inerentes ao próprio sujeito aprendiz, as quais foram tratadas neste estudo. Elas se manifestam como dislexia, disgrafia, discalculia e disortografia e demandam, por parte dos pais e dos professores, identificação precoce e intervenções por equipe multidisciplinar, além de estratégias pedagógicas de ensino e avaliação diferenciadas, de modo a promover condições saudáveis de escolarização às crianças com dificuldades de aprendizagem. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e objetivou analisar o conceito de dificuldades de aprendizagem e a descrever as principais no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Dificuldades de Aprendizado. Estratégias Pedagógicas.

LEARNING DIFFICULTIES IN LITERACY

ABSTRACT: Literacy corresponds to the learning processes of the decoding of signs and letters in reading, their codification in the intention of writing words and numerals, as well as the comprehension of both the reading of words and texts, and logical-mathematical concepts related to numerals. During this process, several types of difficulties can occur, because the children will learn each by your time and not with the same ease and naturalness. There are difficulties due to lack of access to books, or encouragement from their parents and insufficient or inadequate schooling, but there are also learning difficulties inherent in the learner, which were addressed in this study. They manifest as dyslexia, dysgraphia, dyscalculia and dysortography, and require from the parents and teachers to be identified early and also treated by a multidisciplinary team, as well as different teaching strategies and assessments in order to promote healthy schooling conditions for children with learning difficulties. The study was developed through a bibliographical research and aimed to analyze the concept of learning difficulties and to describe the main ones in the literacy process.

Keywords: Literacy. Learning Difficulties. Pedagogical Strategies.

¹ Licenciada em Pedagogia. Cursando Psicologia. Interesse em Desenvolvimento Humano e Socioeducação e Psicologia Social. UNIRIO. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A decisão pela pesquisa do tema Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização foi tomada a partir de diversas experiências que tive com alunos, desde quando comecei a frequentar salas de aula de alfabetização sob o olhar pedagógico de minha formação acadêmica. Percebe-se nas salas de aula inquietação, agitação, lentidão, falta de interesse e desmotivação como algumas características atribuídas às crianças que não conseguem acompanhar o ritmo de sua turma. Diante deste fato, meu questionamento era: Será que é mesmo, em todos os casos, uma questão que possa ser definida de modo tão simples? Eu julgava que não. Tais experiências levaram-me à pesquisa e à produção deste trabalho.

As Dificuldades de Aprendizagem em crianças que se encontram em processo de alfabetização são bem frequentes e os professores de alfabetização também enfrentam obstáculos ao lidarem com as Dificuldades de Aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, com eles.

Julga-se de extrema relevância o reconhecimento da importância de estudos e pesquisas sobre a alfabetização e também sobre as dificuldades neste processo. Esse é um importante momento na vida escolar de todos os alunos, portanto consolidar a alfabetização resulta na autoestima e motivação para continuidade na carreira escolar e na expectativa e desejo em prosseguir e aprofundar os estudos nos anos posteriores da vida do estudante. Aprender a ler e a escrever é aprender a enxergar e a dimensionar o mundo de uma nova maneira e necessidade para compreender a sociedade que está ao seu redor.

Tendo em vista o crescente número de crianças que não são alfabetizadas na idade ideal, o número de jovens que chegam ao ensino médio sem conseguir produzir um texto coerente e o número de alunos que têm abandonado a escola, torna-se urgente e inevitável o questionamento do quê tem causado o insucesso e o fracasso escolar dos alunos. É de suma importância que o profissional da educação pense e reflita acerca desse alarmante problema que tem assolado a educação em nosso país. Diversas podem ser as causas que levam uma criança a não obter êxito na alfabetização: inadequação da proposta pedagógica, falta de estímulo em casa e na escola, falta de acesso aos bens culturais, problemas psicológicos e sociais e

Dificuldades de Aprendizagem. Esta última é o objeto de estudo deste trabalho.

Na maioria das vezes o aluno é considerado como culpado por suas dificuldades, sobre as quais não há por parte dos professores um conhecimento científico mais aprofundado e sólido que as justifiquem e que os ajude a definir estratégias de ensino e recursos mais específicos para seus alunos. Torna-se imprescindível aos professores conhecimentos sobre tais dificuldades.

Este estudo também visa contribuir para minha prática pedagógica, levando-me a refletir sobre as principais Dificuldades de Aprendizagem que podem afetar os alunos em seu processo de alfabetização, os obstáculos enfrentados pelos professores e quais estratégias de ensino podem ser passíveis de efetivamente ser mediadoras de conhecimentos e aprendizagens frente a esse problema, visando minimizá-lo.

Os objetivos deste estudo foram:

- Analisar o conceito de Dificuldades de Aprendizagem;
- Descrever as principais Dificuldades de Aprendizagem no processo de alfabetização.

O conhecimento, portanto, da natureza e das implicações de uma Dificuldade de Aprendizagem em um aluno, habilita o profissional que atua na educação a intervir de maneira rápida e eficaz, buscando o pleno desenvolvimento e aprimoramento de cada discente.

1. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O conceito de Dificuldades de Aprendizagem ainda é difícil de ser delimitado, pois pode confundir com sintomas e comportamentos relativos a outros diagnósticos. O termo surgiu em 1962, proposto por Kirk (Correia & Martins, 2000), com o intuito de situar esta problemática num contexto educacional e, assim, retirar-lhe o caráter clínico que o acompanhava até então. A definição proposta por este autor distingue de termos biológicos que envolvem outras problemáticas como, por exemplo, a deficiência mental, sensorial, entre outros, e dá ênfase a componentes educacionais.

Outra definição é feita por Correia & Martins (2000) e que também ajuda a esclarecer melhor acerca da natureza das Dificuldades de Aprendizagem). Correia & Martins (2000) dividem as Dificuldades de Aprendizagem em dois sentidos diferentes: o sentido lato, no qual o conceito de Dificuldade de Aprendizagem

engloba todo o conjunto de problemas de aprendizagem que se manifestam nas escolas, sejam estes permanentes ou temporários e o sentido restrito, em que as Dificuldades de Aprendizagem significam: “incapacidade ou impedimento específico para a aprendizagem numa ou mais áreas acadêmicas” (CORREIA & MARTINS, 2000, p.5).

Atualmente, uma das definições mais aceitas entre os especialistas para conceituar Dificuldades de Aprendizagem é a de Public Law 94-142, hoje denominada *Individuals with Disabilities Education Act* (IDEA), que diz o seguinte:

Dificuldades de Aprendizagem específica significa uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento. O termo não engloba as crianças que têm problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas ou motoras, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagens ambientais, culturais ou econômicas (FEDERAL REGISTER, 1977, *apud* CORREIA & MARTINS, 2000, p. 7).

Para Fonseca (2007), Dificuldades de Aprendizagem podem ser definidas nos seguintes termos:

[...] um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, incapacidades, ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou específicas, no processo de aprendizagem verbal, isto é, na aquisição, integração e expressão de uma ou mais das seguintes habilidades simbólicas: compreensão auditiva, fala, leitura, escrita e cálculo. (p. 136)

Apesar dos especialistas não concordarem em tudo ao falarem sobre Dificuldades de Aprendizagem, conclui-se que de um modo geral, as Dificuldades de Aprendizagem são, numa perspectiva biológica, desordens neurológicas que interferem temporária ou permanentemente na recepção, integração ou expressão de informação pelo indivíduo. Numa perspectiva educacional, podemos concluir que Dificuldades de Aprendizagem são impedimentos ou, literalmente, dificuldades do aluno na aprendizagem da leitura, escrita ou cálculo.

A partir das conceituações feitas por estes dois autores, salienta-se que as Dificuldades de Aprendizagem não são o mesmo que deficiência mental,

perturbações emocionais ou autismo, os quais exigiriam outros critérios e sintomas específicos.

É relevante compreender que o aluno com Dificuldade de Aprendizagem pode apresentar problemas na resolução de algumas tarefas escolares em uma área específica e, ao mesmo tempo, ser brilhante na resolução de outras tarefas em outras áreas. Enquanto outro indivíduo também com Dificuldades de Aprendizagem, pode apresentar dificuldades na resolução de tarefas em diversas áreas escolares simultaneamente. Portanto, uma criança pode possuir Dificuldades de Aprendizagem em apenas uma área (leitura, escrita ou cálculos) ou em mais de uma. Além da quantidade de áreas afetadas, o grau de severidade destas dificuldades também pode apresentar-se diferenciado em cada indivíduo.

As Dificuldades de Aprendizagem não se referem a dificuldades provenientes de deficiências sensoriais, deficiência mental, perturbações emocionais, fatores ambientais ou culturais.

Quanto às causas e origem das Dificuldades de Aprendizagem, de um modo geral elas ainda permanecem um mistério. Presume-se que sua origem encontra-se no sistema nervoso central do indivíduo e que diversos fatores podem contribuir como, por exemplo, a hereditariedade.

Correia & Martins (2000) destacam outros fatores que podem ocasionar Dificuldades de Aprendizagem:

Há um outro conjunto de fatores (pré ou perinatais) que podem vir a causar Dificuldade de Aprendizagem. Entre eles, são de destacar os excessos de radiação, o uso de álcool e/ou drogas durante a gravidez, as insuficiências placentárias, a incompatibilidade Rh com a mãe (quando não tratada), o parto prolongado ou difícil, as hemorragias intracranianas durante o nascimento ou a privação de oxigênio (anoxia) (p.9).

Smith e Strick (2012) explicam que as Dificuldades de Aprendizagem podem originar-se por fatores biológicos que podem estar relacionados à: lesão cerebral, erros no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios neuroquímicos e hereditariedade.

A partir das diversas possíveis causas para as Dificuldades de Aprendizagem, não se pode afirmar categoricamente que toda criança que possua Dificuldade de Aprendizagem esteja presa a determinada etiologia.

2. IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Alguns sinais comuns e precoces de que o interesse da criança pela escola e aprendizagem está abaixo do nível para a idade e/ou ano de escolaridade, podem estar relacionados à presença de algum tipo de Dificuldade de Aprendizagem. São comuns queixas persistentes de que estão entediados, de que têm dificuldades em compreender a tarefa escolar e que apresentam resistência em frequentar à escola. Podem também apresentar constrangimento em expor suas produções escritas ou tarefas escolares prontas.

Correia & Martins (2000) afirmam que o aluno só deve ser considerado com Dificuldades de Aprendizagem se o seu funcionamento intelectual estiver na média ou acima dela e, ainda assim, existir uma discrepância significativa entre o seu potencial estimado e sua realização escolar e seu insucesso foi devido a problemas em uma, ou, mais áreas a seguir: fala, leitura, escrita, matemática e raciocínio.

Os autores listam um conjunto de sinais que podem ser indicadores de Dificuldades de Aprendizagem, a saber: dificuldade no conhecimento e na organização do tempo; dificuldade em planejar e executar planos e tarefas; dificuldades na coordenação motora, na destreza do desempenho motor no desenho, na escrita e na coordenação ampla; alteração ou dificuldades em relação à linguagem falada ou escrita na aquisição, articulação, vocabulário, rima, leitura, compreensão de textos e/ou compreensão de conceitos; baixo grau de atenção, concentração, manutenção do esforço e motivação na execução e conclusão de tarefas; dificuldades na memorização de fatos, nomes, eventos e distinção de conceitos relativos à alfabetização.

Estas sinalizações propostas pelos autores auxiliam na identificação de comportamentos relativos a vários tipos de dificuldades que podem estar associadas às variadas Dificuldades de Aprendizagem.

Segundo Smith e Strick (2012), a equipe escolar precisa atentar-se aos comportamentos de todos os alunos para identificar e distinguir as Dificuldades de Aprendizagem de outros tipos de manifestações de problemas, síndromes e sintomas expressos por eles. Os autores explicam que para determinar que uma criança tenha uma deficiência específica de aprendizagem ela precisa ter

desempenho insuficiente para sua idade e níveis de capacidade em uma ou mais das áreas da linguagem: leitura, escrita e/ou cálculos, tendo recebido experiências escolares de aprendizagem apropriadas e suficientes e ambiente social e familiar favoráveis ao acesso a informações e aos bens culturais. Alertam também para o fato de que quanto mais precocemente for o reconhecimento da Dificuldade de Aprendizagem e realização da intervenção adequada, maiores serão as chances de redução significativa dos efeitos da Dificuldade de Aprendizagem para prevenir o insucesso escolar e social.

3. AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização caracteriza-se pela aquisição da leitura e da escrita e é uma condição fundamental na formação da identidade do indivíduo, possibilitando sua plena integração na vida social e acadêmica. Qualquer empecilho neste processo pode impossibilitar o desenvolvimento do aluno, levando-o à baixa autoestima, frustração e até mesmo ao fracasso escolar. As Dificuldades de Aprendizagem expostas a seguir, podem ser uma causa para que tal situação acometa crianças em processo de alfabetização. Conhecê-las e saber como intervir, é indispensável para o professor enquanto mediador neste processo de aquisição da língua escrita.

3.1 Dislexia

Etimologicamente, a palavra dislexia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “lexia” (leitura, reconhecimento das palavras).

Segundo Coelho, (2013), a dislexia é de origem neurobiológica e afeta a aprendizagem e a utilização instrumental da leitura. Ela está relacionada à consciência fonológica do indivíduo e é independente do quociente de inteligência.

Em 1968, a Federação Mundial de Neurologia adotou o termo “Dislexia do Desenvolvimento” e elaborou a seguinte definição (TELES, 2010):

Uma perturbação que se manifesta por dificuldades na aprendizagem da leitura, apesar das crianças serem ensinadas com métodos de ensino convencionais, terem inteligência normal e oportunidades socio-culturais adequadas. Os problemas são causados por

déficits cognitivos básicos que são frequentemente de origem constitucional. (TELES, 2010, p. 5)

A dislexia acomete crianças com inteligência normal, sem deficiências sensoriais como, por exemplo, na audição, que são educadas em sistemas ditos convencionais, não têm inacessibilidade à cultura e oportunidades de aprendizado. Logo, uma criança para ser diagnosticada disléxica, não pode ter nenhum problema de ordem sensorial e psíquico-emocional.

Segundo Coelho (2013), entre os especialistas, não há uma causa exclusiva para a origem da dislexia. Alguns afirmam que se trata de uma perturbação de causas múltiplas, principalmente hereditária.

A dislexia é um distúrbio que afeta diretamente o aprendizado da leitura e, conseqüentemente, da escrita e pode ser identificada com mais facilidade quando a criança entra na fase da aquisição formal da língua escrita. Logo, a alfabetização do estudante pode ser comprometida se, sendo ele um disléxico, não obtiver seu diagnóstico no tempo ideal. Também podem surgir outros problemas para a criança disléxica como insegurança, baixa autoestima, culpa e desânimo. Muitas destas crianças resistem em submeter-se às atividades ligadas à leitura e escrita, revelando medo de serem "descobertas" em seus erros e dificuldades perante essas atividades.

Coelho (2013) afirma que estes alunos podem apresentar algumas ou várias das seguintes características:

Na expressão oral: Têm dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar (tanto a nível oral, como escrito); Revelam pobreza de vocabulário; Elaboram frases curtas e simples e têm dificuldade na articulação de ideias. Na leitura/escrita: Fazem uma soletração defeituosa (leem palavra por palavra, sílaba por sílaba, ou reconhecem letras isoladamente sem conseguir ler); Na leitura silenciosa, murmuram ou movimentam os lábios; Perdem a linha de leitura; Apresentam problemas de compreensão semântica (na interpretação de textos); Revelam dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica, isto é, na tomada de consciência de que as palavras faladas e escritas são constituídas por fonemas; Confundem/invertem/substituem letras, sílabas ou palavras; Na escrita espontânea (composições/redações) mostram severas complicações (dificuldades na composição e organização de ideias) (p.5-6).

O autor assevera que nunca é tarde demais para ensinar um disléxico a ler. Embora não exista um modelo padrão de como educar estes alunos, há uma gama de atitudes e procedimentos que podem ser tomados em prol da aprendizagem da criança disléxica. Primeiramente, é importante o educador (tanto pais, quanto professores) ter em mente que é normal que estas crianças tenham um ritmo mais

lento na aprendizagem da leitura, se comparadas com outros pares. A motivação e o reforço devem estar sempre presentes em todo processo. Na sala de aula, ela deve estar sentada próxima da professora, a fim de obter ajuda sempre que precisar. Os colegas também podem ser orientados a ajudarem. A avaliação deve ser redigida de modo a evitar questões longas. Outro aspecto a ter em conta na intervenção com estas crianças é o recurso a uma terapia multissensorial, isto é, aprender pelo uso de todos os sentidos. Coelho (2013) destaca o valor dos métodos multifuncionais para o trabalho pedagógico com disléxicos:

Os métodos multissensoriais são métodos que combinam a visão, a audição e o tato para ajudar a criança a ler e a soletrar corretamente as palavras. Assim, a criança começa por observar o grafema escrito, depois “escreve-o” no ar com o dedo, escutando e articulando a sua pronúncia; posteriormente, deve cortá-lo, moldá-lo em plasticina/fimo/barro e, de olhos fechados reconhecê-lo pelo tato (COELHO, 2013, p. 7).

Apesar das inúmeras dificuldades, a aprendizagem da leitura e escrita do aluno disléxico pode ser prazerosa e este pode alcançar seu pleno desenvolvimento, tendo um progresso escolar com qualidade e autoconfiança.

3.2 Discalculia

Etimologicamente, a palavra discalculia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “calcolare” (calcular, contar) (COELHO, 2013), formando “dificuldade em contar”. Esta dificuldade é proveniente do déficit na organização espacial e da dificuldade de seguir sequências (CARVALHO, REIS & NORI, 2010). Ao realizar uma operação matemática básica, que segue uma sequência de números e símbolos, o aluno com discalculia se perde com facilidade, confundido o processo.

Segundo Garcíá (*apud* JACINTO, 2010) a discalculia é um transtorno de aprendizagem causado por má-formação neurológica que se manifesta como dificuldade da criança para realizar operações matemáticas, classificar números e colocá-los em sequência. A discalculia apresenta-se como uma imaturidade das funções neurológicas ou uma disfunção sem lesão. (BOMBONATTO, 2006, [s.p]).

A identificação da discalculia é feita através de uma rigorosa avaliação, por meio de uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogo, psicopedagogo, neurologista e/ou médico. Depois de diagnosticada, a intervenção é muito importante e é feita através da atuação de psicopedagogo, psicólogo e educadores.

Algumas dificuldades podem ser encontradas em crianças com discalculias, segundo Johnson e Myklebust (*apud* JACINTO, 2010):

Dificuldades com leitura e compreensão: Confusão com o aspecto parecido dos números, 6 e 9 ou 3 e 8; Falta de habilidade para compreender os espaços entre os números como por exemplo: 5 69 é lido como quinhentos e sessenta e nove; Dificuldades no reconhecimento, e portanto, no uso dos símbolos para calcular: mais, menos, multiplicação e divisão; Dificuldades na leitura de números com mais de um dígito. Números com zero podem especialmente dificultar. Exemplo: 4002 ou 304; Confusão na leitura da direção dos números: o 12 pode se tornar 21. Não é usual para algumas crianças mudarem a direção de alguns números que são lidos precisamente, da esquerda para direita, enquanto outras lêem de trás para frente; Problemas com leitura de mapas, diagramas e tabuada. Dificuldades em entender conceitos e símbolos: Dificuldades em entender os símbolos matemáticos e em lembrar como deve ser usado, por exemplo, o sinal de subtração; Problemas com o entendimento de conceitos de peso, direção e tempo; Problemas para entender perguntas orais ou escritas que são apresentadas com palavras, texto ou figuras; Problemas para entender conceito de soma, onde números são usados em conjunto com unidades como, por exemplo, 100 metros. Os problemas também podem ser no entendimento dos números ordinais, pois não entendem a seqüência, primeiro, segundo terceiro, etc.; Problemas em entender as relações entre as unidades (p. 4-6).

Em geral, dificuldades em aprender Matemática podem ter inúmeras causas. É necessário um diagnóstico preciso, o que é só é possível por meio de uma equipe preparada para a identificação de Dificuldades de Aprendizagem.

A intervenção pode e deve ocorrer também dentro de sala de aula, através de atitudes simples do professor, como motivar o aluno, ter paciência com seus erros e ritmo próprio e buscar potencializar o que este aluno já demonstra desenvolvimento.

3.3 Disgrafia

Segundo Coelho (2013), etimologicamente a palavra disgrafia deriva dos conceitos "dis" (desvio) + "grafia" (escrita), ou seja, "uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia." (TORRES & FERNANDES *apud* COELHO, 2013). A criança com disgrafia possui uma escrita muito diferente da escrita, enquanto execução gráfica, dita normal/padrão. É a famosa "letra feia" ou "garrancho".

Coelho (2013) nos esclarece que uma criança em processo de alfabetização apresenta, naturalmente, dificuldades no traçado das letras e, conseqüentemente, uma letra disforme. Desse modo, ainda segundo a autora, o professor deverá ter uma atenção especial com seus alunos que estão aprendendo a traçar graficamente

as letras e palavras, fornecer orientações e auxiliá-los para que realizem adequadamente a escrita, evitando, desse modo, a permanência de traçados incorretos que podem evoluir para um quadro de disgrafia.

Cinel *apud* Coelho (2013) apresenta-nos cinco possíveis causas da disgrafia, a saber: distúrbios na motricidade ampla e fina; distúrbios na coordenação visomotora, associada à dificuldade no acompanhamento visual; dificuldade na organização temporoespacial (direita/esquerda, frente/atrás/lado e antes/depois); dificuldades na dominância manual e na direcionalidade; e erros vinculados às estratégias de ensino.

Coelho (2013) adverte que é importante que a manifestação de apenas uma ou duas das características não é suficiente para diagnosticar uma disgrafia e para que isso ocorra, a criança deverá ter algumas das seguintes condições: letra excessivamente grande (macrografia) ou pequena (micrografia); forma das letras irreconhecível; traçado exagerado e grosso ou demasiado suave e imperceptível; grafismo tremulo ou irregular; - escrita demasiado rápida ou lenta; segmentação ou aproximação ou ambas das palavras; desorganização na produção escrita que descaracterize o gênero textual; utilização incorreta da preensão do lápis ou caneta.

Para Coelho (2013), a intervenção deve ser feita a partir de uma boa relação do educador com o educando, de modo que este se sinta importante, apesar de seus aparentes fracassos. Outro aspecto também importante, segundo a autora, é o reforço positivo da caligrafia da criança. Conforme o aluno vai progredindo, o professor deve elogiá-lo e estimulá-lo. E, por fim, a intervenção deve contemplar, também, os aspectos psicomotores, que determinam a capacidade gráfica do indivíduo.

3.4 Disortografia

Segundo Coelho (2013), etimologicamente a palavra disortografia deriva dos conceitos "dis" (desvio) + "orto" (correto) + "grafia" (escrita), ou seja, é uma dificuldade que afeta a escrita ortográfica correta das palavras.

Perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compor textos escritos. As dificuldades centram-se na organização, estruturação e composição de textos escritos; a construção frásica é pobre e geralmente curta, observa-se a presença de múltiplos erros ortográficos e

[por vezes] má qualidade gráfica. (PEREIRA, 2009, *apud* COELHO, 2010, p. 10).

Alguns fatores que podem causar a disortografia:
Problemas na automatização dos procedimentos da escrita, que se traduzem na produção deficiente de textos; Estratégias de ensino imaturas ou ineficazes, com a conseqüente ignorância das regras de composição escrita; Desconhecimento ou dificuldade em recordar os processos e subprocessos implicados na escrita (carência nas capacidades metacognitivas de regulação e controlo desta atividade) (COELHO, 2013, p.10).

Segundo Torres & Fernández (*apud* COELHO, 2010), a escrita da criança disortográfica possui muitos erros como omissões, adições e inversões de letras, de sílabas ou de palavras; troca de símbolos linguísticos que se parecem sonoramente; erros de carácter visoespacial: substituição de letras que se diferenciam pela sua posição no espaço (“b”/“d”); confusão com fonemas que apresentam dupla grafia (“ch”/“x”); omissão da letra “h”, por não ter correspondência fonêmica; erros de carácter visoanalítico; dificuldades com sínteses e/ou associações entre fonemas e grafemas; falta de separação das sequências de palavras ou sua junção indevida; erros referentes às regras de ortografia os mais variados possíveis.

Para Coelho (2013), a intervenção não deve ser apenas ter em vista a correção dos erros ortográficos, mas também a percepção auditiva, visual e espaço-temporal, bem como a memória auditiva e visual e o planeamento de atividades de acordo com as características de cada criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Dificuldades de Aprendizagem são problemas que interferem significativamente nas habilidades escolares básicas de linguagem e cálculo dos alunos que as possuem. Por este motivo, só podem ser formalmente diagnosticadas quando a criança começar a ter problemas na escola, especificamente nas séries iniciais do processo de alfabetização ou em sua consolidação. É muito importante que não haja demora na sua identificação, pois quanto mais tempo uma Dificuldade de Aprendizagem permanecer sem ser reconhecida, maiores serão as chances de o aluno desenvolver outros problemas associados como baixa autoestima, frustração, desatenção e desinteresse na escola e fracasso escolar.

É fundamental a atenção e sensibilidade dos pais e professores sobre suas

crianças durante todo o processo educacional e, em especial, na alfabetização. Cada dificuldade deve ser pacientemente observada, analisada e confirmada por um diagnóstico para que fique claro se há uma Dificuldade de Aprendizagem ou se trata-se apenas do ritmo mais lento e expressão de sua subjetividade própria ou se tais comportamentos identificados estão ligados a problemas de outras ordens e classificação.

Alunos com Dificuldades de Aprendizagem necessitam de acompanhamento multiprofissional e trabalho pedagógico diferenciado e específico, demandando planejamento e organização de estratégias de ensino e avaliações adequadas às peculiaridades do estudante em suas dificuldades, ritmo e estilo de aprendizagem. Somente assim poderá desenvolver o gosto pela aprendizagem, obter desempenho e sucesso na carreira acadêmica e avançar para outros níveis.

Destaca-se que independentemente do tipo ou grau da Dificuldade de Aprendizagem, a escolarização e a aprendizagem são direitos de todo cidadão para a participação na vida social.

REFERÊNCIAS

BOMBONATTO, Q. & MALUF, M. I. M. **História da Psicopedagogia e da ABPp** no Brasil, 2006.

CARVALHO, REIS e NORI; Ana Maria Pessoa, Idalci e Marina. **Problemas Na Educação Matemática Do Ensino Fundamental Por Fatores De Dislexia E Discalculia**, 2010. Disponível em <rv.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/vidadeensino/article/viewFile/124/118>. Acesso em 27 jun. 2016.

COELHO, Diana Tereso. Dislexia, Disgrafia, **Disortografia e Discalculia**, 2013. Disponível em <www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/.../Dislexia.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2016.

CORREIA & MARTINS; Luís de Miranda e Ana Paula. **Dificuldades de aprendizagem**: Que são? Como entendê-las? Porto Editora, 2000.

FONSECA, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem**: Na Busca de Alguns Axiomas. Rev. Psicopedagogia, 2007. p. 135-148. 2007.

JACINTO, Jaime Ferreira. Discalculia: Uma Limitação na Aprendizagem, 2010. Disponível em <www.ensino.eb.br/portaledu/conteudo/artigo9359.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SMITH e STRICK, Corinne e Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**: Um Guia Completo Para Pais e Educadores, Editora Penso, 2012.

TELES, Paula. **Dislexia e Disortografia:** Da Linguagem Falada à Linguagem Escrita. Revista “A Intervenção Psicológica em Problemas de Educação e de Desenvolvimento Humano”. Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2010.